

# Vida Alentejana

SEMANARIO AGRICOLA // PECUARIO // TURISTICO // DE COTACOES



Editor: ANTONIO BELEZA  
Propriedade da Empresa em organização: ALENTEJANA-EDITORIA

DIRECTOR  
PEDRO MURALHA

Redacção, Administração e Oficinas:  
R. DA ROSA, 105—Telef. 2 1622—LISBOA

O mercado moderno exige...

## FRUTOS SÃO E PERFEITOS

Torna-se, pois, necessária uma contínua defesa contra as pragas que infestam os Pomares, Hortas e Jardins, com:

Produtos

SOLBAR  VENETAN

USTIN

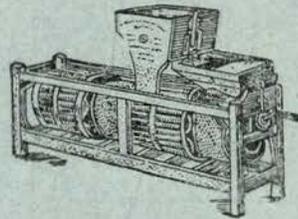
Pedir preços e folhetos explicativos:

Secção Agrícola

Sociedade de Anilinas, L.ª

Travessa das Pedras Negras, 1  
LIBOA

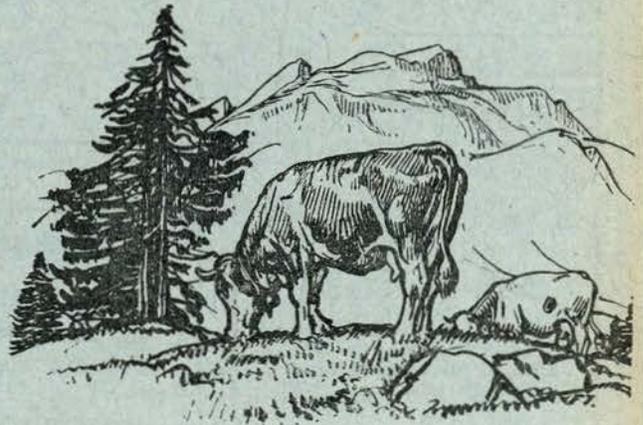
## Crivos "MAROT"



São estes os únicos que satisfazem plenamente os agricultores, seleccionando com impecável perfeição trigo, centeio, cevadas e aveia

Pedir mais detalhes ao representante exclusivo em Portugal  
CASA CATELLA—Rua de S. Paulo, 109—LISBOA

## NESTOGÉNO



## LEITE EM PÓ NESTLÉ

Alimento ideal das crianças



Na falta de leite materno

Na intolerância de leite de vaca e como superalimento

## LUSALITE

Fibrocimento nacional

O material mais indicado para nitreiras, silos, coelheiras, aviários, colmeias, depósitos para água, vinho e azeite, canalisações, caleiras para rega, divisorias, tectos e coberturas.

Económico, resistente, leve, isolador, higiénico e duradouro

O nosso serviço técnico presta, gratuitamente, todos os esclarecimentos

Distribuidores gerais:

CORPORAÇÃO MERCANTIL PORTUGUESA, L.ª

Rua do Alacrim, 10—LISBOA

Telefone 2 3948 — 2 8941 Teleg: Fibrocimento



*No jogo  
da vida...*

*Agentes exclusivos  
para  
Portugal e Colónias*  
**Mantua**<sup>da</sup>

29, CALÇADA DE SÃO FRANCISCO, 27  
LISBOA TELEFONE 1-3127

*...otunfo  
é*  
**TODDY**

*porque só ele dá  
a saúde, vigor e  
energia para viver  
cer na vida!*



**Polainas Marca DUQUE**

da Rua do Ouro, 294

São proferidas pelas  
pessoas de bom gos-  
to, pela elegancia, re-  
sistencia e côr fixa,  
a retalho e revenda.

**CLINICA  
MEDICO  
CIRURGICA**

DE

Dr. João Pulido e Dr. Covas Cima

■  
**Casa de Saúde**

Tratamentos electricos, diatermia.  
Raios ultra-violetas, infra-verme-  
lhos, correntes galvânicas  
Faradicas

■  
**RAIOS X**

■  
Quartos para internamento de doentes

■  
Alta cirurgia a cargo do Ex.<sup>ma</sup> Sr.  
Dr. Amandio Pinto

■  
R. Capitão João Francisco de Sousa

**BEJA**

**João Manuel Palma  
SERPA**

Produtor e fabricante de azeites, pelos processos  
mais modernos

**Francisco Romão Tenório**

Herdade da Figueira de Cima

Criador de muões de raça seleccionada, e de gado cavalari, bovino, suino  
lanigero e caprino. — Produtor de toda a qualidade de cereais.

Lãs, Cortiças, Azeites, Queijos

**ARRONCHES**

**HERDADE DA GRAMICHA**

DE

**Francisco Adelino Gonçalves**

Criador de gado bovino, suino, lanigero, azinino e caprino

PRODUTOR DE CEREAIS, LÃS, AZEITES E QUEIJOS

**ELVAS**

**JOSÉ JULIO BRITO PAIS FALCAO**

**HERDADE DO MONTE VELHO**

Exploração Agricola e Pecuaria

Colos — ALENTEJO

**Joaquim da Silva Brito Pais**

MONTE NEGRO — VALE DO SADO

Trigos seleccionados e aprovados pela Estação de Ensaio de Sementes  
Cevada vulgar, aveia, centeio e milho — Legumes, carvão,  
cortiça, lenhas e madeira.

Lãs, queijos, azeites — Porcos gordos e outros gados

**C. J. SOARES**

**CIRURGIÃO DENTISTA**

R. Alexandre Herculano, 108, 1.º-E.

Telefone 4 2890

Desconto de 20 % sobre a etiqueta aos socios do Grémio Alentejano a suas familias

# Vida Alentejana

SEMANÁRIO AGRÍCOLA // PECUÁRIO // TURÍSTICO // DE COZINHAS

Editor: ANTONIO BELEZA  
Propriedade da Empresa em organização: ALENTEJANA-EDITORA

DIRECTOR  
PEDRO MURALHA

Redacção, Administração e Oficinas:  
R. DA ROSA, 105—Telef. 2 1622—LISBOA

## A Exposição Agrícola

«Vida Alentejana», ouve sôbre o assunto  
as pessoas de maior representação de Evora

Conjuntamente com outros periódicos regionais lançamos em princípios de Setembro a ideia da realização duma exposição nacional agrícola. Encontrou o nosso semanário eco encorajante ao seu apêlo, na direcção da Associação Central de Agricultura Portuguesa e em vários alentejanos ilustres.

Apareceu em fins de Novembro uma local, num grande quotidiano, anunciando um pedido feito ao Governo, para que se realises uma Exposição Peninsular.

Dissémos no nosso jornal que isso «Não pode ser» e para verificarmos a opinião dos interessados, fomos a Evora, á capital da Província Alentejana, ao coração da grande Zona Agrícola entre Tejo e Guadiana, á cabeça do celeiro português.

Naturalmente como estava indicado procurámos a opinião dum grande alentejanista cuja influencia benéfica há bastante tempo se faz sentir nos destinos de Evora, quer como seu Governador Civil, quer durante a sua passagem pelo Terreiro do Paço, onde tão brilhantemente desempenhou o pesado encargo de Ministro do Interior. Sua Ex.<sup>a</sup> apesar dos seus inúmeros afazeres em vespéras de eleições gerais, teve a amabilidade de nos ceder alguns momentos para nos dizer, que julga uma necessidade a realização duma Exposição Nacional Agrícola.

Que sabe bem o trabalho e a responsabilidade que isso acarreta, pois já orga-

nizou a Exposição de amostras que se realizou em Setúbal; quando foi Governador Civil daquele Distrito, bem como a brilhantíssima parada agrícola que em Evora se fez em homenagem a Sua Ex.<sup>a</sup> o Senhor Presidente da Republica e ao Governo.

Todavia Sua Ex.<sup>a</sup> está pronto a dar o melhor esforço, se isso fôr necessário, para a realização duma Exposição Nacional Agrícola, desde que o Governo entenda realisá-la, pois doutra forma não poderá ser levada a efeito, visto a contribuição particular que certamente se produzirá voluntariamente, ser com certeza insuficiente para a realização dum empreendimento de tão grande responsabilidade. O Estado Novo não pode consentir que se faça uma coisa que não seja digna da restante obra realizada, visto o estrangeiro ter os olhos postos em nós e necessário é, que todas as afirmações publicas nos honrem e nos enaltecem e não empanem de qualquer forma o brilho das já realizadas.

Disse-nos mais Sua Ex.<sup>a</sup> que a pretensão do Porto em realizar ali uma exposição Peninsular se justificava da maneira seguinte.

E' do Norte e é lá que se criam as raças borrosã e mirandesa.

E' em Aveiro que se produz ultimamente uma grande parte da chicória que importavamos.

E' nas Beiras que se criam os rebanhos de ovinos e caprinos de características definidas em pêlo e lã e qualidades apreciadas em carne, leite, manteiga e queijo.

E' nas varzeas e vales de Tras-os-Montes que se colhe o trigo e é lá o celeiro da terra fria.

Evidentemente que o sul tem também as suas razões para querer que o local escolhido, seja no Sul, o que a Sua Ex.<sup>a</sup> muito agradaria também.

Com isto concordamos e até podemos acrescentar que é no Douro, que crescem as videiras, que dão o precioso Porto e é a Bairrada a terra do nosso espumante.

E' o Minho um jardim de Portugal e a pátria do vinho verde.

E' ainda a terra fria que produz grande parte do nosso milho e centeio.

Mas... o sul também tem os seus direitos.

E' incontestavelmente ele o celeiro, a adega, o lagar e o açougue do paiz.

E' ele que fornece o trigo para nos bastarmos e foi ele quem impediu a drenagem de muitos milhares de contos para o estrangeiro.

Foi ele quem acudiu patrioticamente ao apêlo do Estado Novo, semeando o trigo que era preciso, elevando a produção nacional a mais do dobro.

*Continua na página 6*

## BRAZÕES ALENTEJANOS



Aljustrel



Mertola



Alvito



Odemira

## FALAM OS PRÁTICOS

# Em Evora «Vida Alentejana» ouve a opinião de dois importantes lavradores

Manuel Dias Descalço é um dos lavradores mais importantes do Alentejo, e conhecido criador de gado. É ele dos poucos que tem sabido conservar pura a raça do boi alentejano, e por isso está em negócio com o nosso ilustre colaborador que no n.º 6 da «Vida Alentejana» de 19 de Outubro, pedia para lhe indicarem um bom toiro de raça.

O sr. Descalço que sabe bem receber os seus hóspedes, ofereceu em tempos aos jornalistas que o visitaram, um jantar à alentejana que deixou a todos as mais gratas impressões.

Foi um opíparo banquete digno dum Cresus.

Apesar dos seus sessenta e tal, Sua Ex.<sup>a</sup> marcha desembaraçadamente e aprumado na sua alta estatura, se não fôsse o seu aspecto venerável a que a grande barba empresta um ar de português das descobertas, ou de rei da primeira dinastia, dir-se-ia um rapaz.

Sabido que às terças e sextas-feiras não falta ao Sindicato Agrícola, de cuja direcção é ilustre ornamento é ali que o esperamos e graças à obsequiosa intervenção do secretário daquele prestimoso organismo sr. Cabeça Ramos, obtemos logo à sua chegada alguns momentos de atenção.

Sem rodeios como se deve falar a um homem prático, perguntámos-lhe:

— Tem as suas sementeiras feitas?

— Tenho! — foi a resposta.

— Semeou mais ou menos que no ano passado?

— O mesmo!

— Está contente?

— Não estou descontente!

O trigo que primeiro semeiei nasceu mal, mas o restante apresenta-se bem à nascença.

Em todo o caso tudo depende do tempo, não chovendo muito depois do atalho das terras que é feito em Maio, se as terras não abatem e se mantêm pulverizadas, é esse um dos factores que mais contribui para o bom resultado das sementeiras.

— A que atribui as boas colheitas passadas?

— Principalmente ao tempo que correu favorável para elas, em seguida ao emprego duma maior quantidade de adubos quimicos e em terceiro lugar a uma melhor preparação das terras, que o preço do trigo e

as boas colheitas tem permitido fazer.

— Está então contente com os adubos?

— Estou!

— E quais emprega?

— Exclusivamente os adubos da Sapec.

— Não pensa em analisar as terras e dar-lhes os outros elementos nobres que lhes devem faltar, como o azote, que está tendo um já largo emprego?

— Sim e tanto assim que já fiz uma experiencia com 10 sacas de adubo composto mas que não me satisfiz, porém de futuro penso em analisar as terras e em harmonia com os resultados obtidos aplicarei o adubo que fôr preciso.

Estava finda a entrevista mas era interessante ouvir ainda a opinião categorisada do sr. Descalço sobre 3 pontos que muito interessavam o Alentejo.

1.º — Parece-lhe que a farinha em rama pode acabar?

— De forma alguma ela pode desaparecer sem causar grandes perturbações á lavoura. Ela é tão necessária, que tenho uma moagem e uma padaria para uso exclusivo da minha casa.

2.º — Acha que o preço do pão pode baixar?

— Não só acho que pode, mas que deve baixar, pois não vejo razão para que um kilo de pão custe mais que um kilo de trigo, se noutros tempos assim sucedia! Lembro-me bem de 1 kilo de pão em grão custar 80 reis e 1 kilo de pão cosido custar o mesmo dinheiro.

3.º — Qual a sua opinião sobre o preço do trigo na futura colheita?

— Acho que só deve ser fixado depois de Maio quando se vir bem o que ela será, mas a baixa a dar-se deve ser pequena, porque para o pão baixar, como já lhe disse, não deve ser preciso baixar o preço do trigo.

Finalmente o sr. Descalço num movimento de simpatia diz-nos que só lastima não ter a teoria precisa, para mais util ter sido á sua terra, mas o destino obrigou-o aos 14 anos a ocupar-se da sua casa e é assim que ha 48 anos ele é lavrador e creador de gado.

## O que nos diz um dos novos

Quizémos ouvir a opinião dum novo, e para esse fim procurámos

João Barreiros Torres Vaz Freire grande agricultor, sportman e ganadero, que com esmero cuida do apuramento do seu gado bravo e manso um e outro de raça andalusa.

O Sr. João Torres produziu no ano passado cerca de 700 moios de trigo.

A sua opinião é autorisada visto a soma da colheita da sua casa com a de sua mãe e a de seu sôgro representar qualquer coisa como 2200 moios ou seja 1.650 000 kilos.

Sua Ex.<sup>a</sup> diz-nos: — semeiei o mesmo que no ano passado em toda a confiança.

As boas colheitas são devidas primeiro ás boas condições atmosféricas, depois aos melhores processos de cultura nos quais se compreende o emprego duma maior quantidade de adubo.

Assim antigamente no geral empregavam-se 6 sacas de super 12% por hectare e hoje empregam-se 50% mais de anidrido fosforico solúvel na água porque se semeiam 6 sacas de super 18% por hectare.

Naturalmente muito ha a fazer ainda para melhorar as condições de amanho das terras pois a bôa tecnica manda, por exemplo, modificar os trabalhos agricolas consoante as terras são altas ou baixas, preparando-as em harmonia com a sua exposição e a sua inclinação para que as aguas não as lavem e arrastem o adubo e até a semente; adubando-as racionalmente em face das analyses que determinarão a sua carencia de elementos nobres, etc. etc.

A última colheita foi excepcionalmente bôa pois todos tiveram o dôbro do rendimento normal.

Á nossa pergunta se empregou adubos compostos, respondeu não, empreguei só superfosfato 16% da Sapec e por sinal que em terreno de montado tive 29 sementes, ao passo que outros empregando superfosfato da mesma dosagem e mais 30% do seu peso de sulfato de amonio tiveram no geral 22 sementes.

Penso mandar analisar as terras mas não deixarei de empregar os superfosfatos da Sapec, que me tem dado inteira satisfação pelo seu bom fabrico e bôa sacaria e a ela comprarei tambem o azote e os outros elementos nobres que as minhas terras exigirem. dadas as relações amistosas que aquela Empresa man-

(Continua na pág. 6)

# Uma grande propriedade

Por Francisco José Soares

Meu presado director e amigo

A propósito de uma entrevista que V. teve no Porto com o meu respeitável amigo sr. Joaquim da Silva Brito Pais, opulento e bemquisto lavrador do Monte Negro, veio-nos á ideia um artigo referente ao mesmo senhor, desejando que fique arquivado no seu brilhante jornal, visto a *Vida Alentejana* estar empenhada na grandiosa tarefa de propagandear o que temos de bom, e de enaltecer o valor dos portugueses que procuram tornar Portugal melhor, principalmente os alentejanos, fim para que foi fundada. Pena é, que muitos alentejanos dignos desse nome, não sejam seus assinantes, compenetrando-se da verdade que acabamos de expôr, para assim a *Vida Alentejana* poder viver dasafogadamente e aumentar as suas secções mostrando assim ao mundo as belezas e a grandiosidade do nosso querido Alentejo.

Depois de residirmos precisamente 12 anos na nossa grande capital, essa formosa Lisboa, incontestavelmente uma das mais belas cidades do mundo, que causa admiração e muitas vezes inveja aos estrangeiros, que nos visitam, foi para nós uma grande alegria que experimentámos, ao embarcar ultimamente para o Alentejo, de onde somos natural, a fim nos dirigirmos ao Monte Negro, onde nos encontramos.

O Alentejo a nosso ver, é uma das províncias mais ricas do país, não só pela sua vastidão que é enorme, como também por ser o centro agrícola de maior produção em Portugal.

O Alentejo encerra em si as maiores riquezas minerais de todo o país, e haja em vista as minas de S. Domingos, Aljustrel e Lousal, que são três fortes de riqueza de um valor incalculável, não falando em outras de somenos importância, mas também de muito valor que se acham dispersas por toda a provincia. Pena é, que desses minérios apenas uma diminuta parcela fique no país, e não sejam aqui todos consumidos, evitando assim que milhões e milhões de toneladas de minerais que ali se encontram vão para o estrangeiro, os quais vão aumentar as riquezas das outras nações.

Infelizmente até a exploração das minas a que nos referimos é feita por companhias estrangeiras para mal dos nossos pecados.

Quem percorrer hoje todo o Alentejo verá em toda a parte o terreno bem amanhado e cultivado. Por toda a parte vegeta um mar de verdura dos trigos e cevadas semeados que estão a germinar. Como tudo isto é belo, soberbo e encantador! A lenda de se dizer que o Alentejo tem ainda muitos terrenos incultos acabou de uma vez. Ainda bem. Posto isto voltemos ao Monte Negro. E' proprietário desta bela propriedade o opulento e bemquisto lavrador sr. Joaquim da Silva Brito Pais, espírito culto, ponderado, reflectido, dotado duma probidade inconcussa e fino trato que a todos cativa. O sr. Joaquim da Silva Brito Pais, tem dado á agricultura todo o seu esforço, o melhor da sua vida.

Tem gasto rios de dinheiro e fabulosas quantias na aquisição de máquinas agrícolas de toda a espécie, das mais modernas e que têm dado as melhores provas, para cultivar as suas terras. Para o sr. Brito Pais não há impossíveis ou obstáculos, porque elle vence-os todos com uma tenacidade e uma vontade de ferro inquebrantável. E por isso o Monte Negro é hoje uma propriedade que

merece ser visitada e admirada, por todos aqueles que á lavoura dediquem verdadeiro amor e carinho, para observarem de perto o movimento de uma grande propriedade agrícola, que é um verdadeiro modelo. O Monte Negro é visitado constantemente pelas pessoas mais distintas desta região, que aqui vêem nos seus automóveis e charretes, recrear o espirito a tão bela e próspera propriedade.

Aqui não lhes falta nada. Garage para automóveis, carpintaria mecânica, serralheria para reparação de automóveis, etc., bem como todos os utensilios de lavoura.

Nós apesar de estarmos acostumados ao labirinto de Lisboa e outras coisas mais que ali se passam... em pouco tempo nos acostumamos ao viver deste meio tão natural e simples, e onde se bebe água pura e



Joaquim da Silva Brito Pais

crystalina que jorra com abundância das colinas próximas. O sr. Brito Pais tem também uma grande colecção de aves bastante importante: galos, galinhas, perús, patos, pavões, pombos, etc., que andam á vontade pelos campos e que dão a esta paisagem um tom verdadeiramente encantador.

A vida do lavrador apesar de espinhosa e de ter muitas contrariedades, é uma vida alegre que tem não sei quê de romantica e poetica.

Ao terminarmos pois este nosso mal aviado artigo, despedido de literatura, porque infelizmente não possuímos os vãos literários dos grandes escritores e jornalistas, não podemos deixar de nos referirmos aos magníficos queijos que aqui se fabricam, finissimos, de um sabor delicioso, que em muitas terras do país são muito apreciados. O sr. Brito Pais também exporta para todo o país grandes quantidades de cereais, palhas etc., dos quais tem grande stock e a quem os compradores e comerciantes destes generos se podem dirigir, para fazerem os seus negócios. E por ultimo, não podemos deixar no olvido a esposa do sr. Brito Pais, D. Maria da Luz Brito Pais, senhora de excelsas virtudes, muito bondosa e caritativa que no governo doméstico honra sobremaneira o seu marido, devido ao aceio esmerado e boa ordem como tudo aqui caminha.

Que nos desculpe a bondosa e respeitável

senhora este nosso desabafo, que é longe de ir ferir a sua muito modestia.

Estas nossas singelas palavras apenas traduzem o nosso preito de homenagem a quem na terra sabe cumprir tão nobremente os deveres do seu cargo.

O sr. Brito Pais também tem dois filhinhos duas formosas crianças, dois seres pequeninos, que pela sua intelligência e graciosidade são a alegria de toda a casa, a quem seus pais dedicam todo o affecto, carinho e ternura, e a quem o autor destas linhas deseja muitos anos de vida bem como a seus extremos pais, para lhe darem a educação que elles merecem.

Ora o artigo que acabamos de transcrever, escrevemos nós há precisamente sete anos, e durante este periodo vivemos em comum com o sr. Brito Pais e por isso podemos avaliar durante este tempo as suas belas qualidades de carácter, as suas grandes faculdades de trabalho, que além de ser uma figura de maior destaque e de mais alta representação social destes contornos, é sem dúvida o maior agricultor desta região, que honra sobremaneira a agricultura portuguesa.

O sr. Joaquim da Silva Brito Pais, é também um verdadeiro benemérito praticando actos de filantropia dignos de registo tais como: socorrer casas de beneficência, ajudando a muitos infelizes que a elle recorrem, pedindo-lhe a sua valiosa protecção.

Actos desta natureza, fá-los sempre de forma a não serem conhecidos, porque não quer que ninguém lhe agradeça o seu humanitário gesto e por isso se esconde sempre no anonimato.

De muitos outros sabemos nós os quais não patenteamos aqui, porque sabemos que iam ferir a sua sensibilidade de homem de bem, o que nos maguaria profundamente.

Hoje publicando a sua fotografia sem o seu assentimento, praticamos um acto que bastante o vai melindrar, mas tenha paciência porque nós não ficariamos bem com a nossa consciência, se publicamente lhe não manifestássemos nestas singelas palavras o nosso preito de homenagem, agradecendo-lhe assim os favores e as atenções que nos tem dispensado, que nós já mais olvidaremos nos dias da nossa vida.

Que nos desculpe emfim.

Fura Matos Novo—Dezembro de 1934

## Pensão Zangarilho

Casa Portuguesa

Cosinha Portuguesa, Franceza e Espanhola e serviço á carta

Beirã — Ramal de Caceres — Leste II

Preços convencionais para hospedes permanentes

## Dr. Joaquim A. Guerreiro

Cirurgião Dentista

Rua do Loreto, 50—1.º

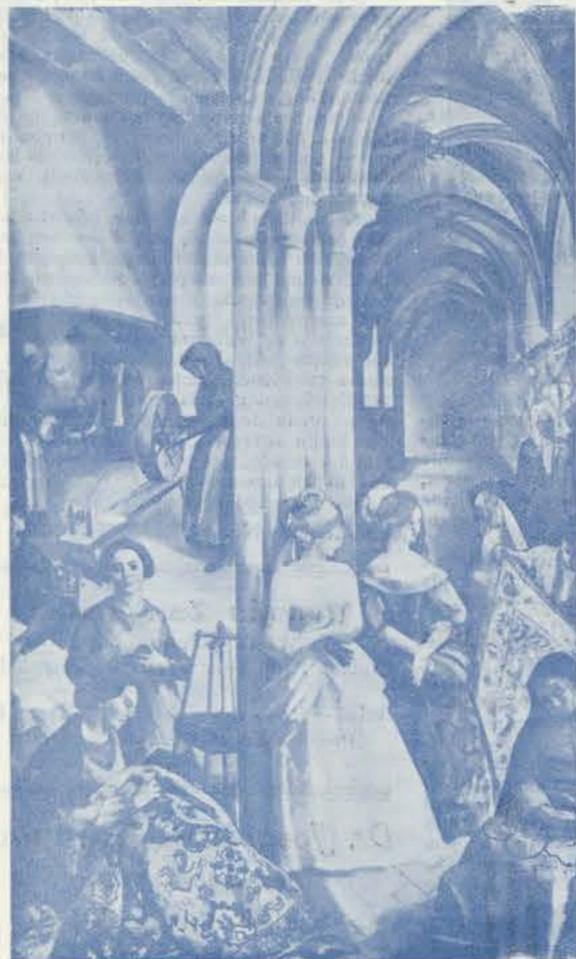
Telefone 20715

Trabalhos, os mais difíceis 20% de desconto aos assinantes da *Vida Alentejana* e socios do respectivo Gremio.



Simão Dordio Gomes

dia, no dia em que o nosso povo fôr portador de uma cultura relativamente precisa, a crítica passará a ser feita mais por êle, passará a ser ainda mais justa... Mas, agora reparo eu, ia a desviar-me... Perdõem-me... As conversas são como as cerejas. Já me ia a perder em considerações idealísticas, quando afinal o que



Tapeçaria: = O Passado e o Presente  
Painel de Dordio Gomes existente na sala das sessões da Câmara Municipal de Arraiolos)

Diz o Dr. João Ameal que «criticar é julgar». Assim o entendo também. O crítico consciente e conhecedor será juíz enquanto não subir o nível de cultura do nosso povo. Nesse

se pretende é outra coisa. O que pretendo é dizer que não venho fazer crítica, pois nem para tal, como a compreendo, me chega a competência. E demais o assunto de que venho falar, um quadro de Dordio Gomes que serviu de prova no concurso para professor de pintura da Escola de Belas Artes do Pôrto, já foi suficientemente julgado pelo júri respectivo que o classificou em primeiro lugar.

Não conheço o quadro senão por fotografia, por isso, ausente de côres onde, aliaz, o artista costuma usar uma liberdade extraordinária aliada a uma disposição bem concebida o que dá aos seus trabalhos um vigor e um relêvo, só por si, dignos de destaque. Falemos então, sòmente, das suas linhas.

Dordio, que nos seus trabalhos mais conhecidos se tem compreendeu e transportou para a tela o Alentejo em alguns dos guido como um pintor, de certo modo, modernista apresenta seus detalhes mais surpreendentes. O que seria do primoroso quadro «A Montanheira», da coleção da Câmara de Arraiolos, se não fosse esta escola? O que seria a magnífica tela «Sobreiros Seculares», arrecadada no Museu Regional de Evora e ainda não exposta, sem êste génio?

É muito curioso o tema apresentado aos concorrentes para a pintura do quadro que se intitula «O Julgamento de Páris» que permitiu esta revelação do artista já antes consagrado. Aqui se transcreve um pouco resumidamente o assunto que levará a uma melhor compreensão do trabalho: «Páris, filho do rei de Troia, então pastor no monte Ida, julgando o mandado de Jupiter, que lhe mandou Mercúrio com a Comissão — qual das três mais lindas deusas do Olimpo — Venus, Juno e Minerva é a mais bela, devendo entregar-lhe o pômo de ouro que a Discórdia fôra, para êsse fim, colocar sòbre a mêsã do banquete nas bôdas de Pelen. Páris optou por Venus, e esta em paga prometeu-lhe o amor da bela Helena, mulher de Menelau, um dos reis da Grécia. Páris mais tarde raptou Helena, e êste rapto deu causa à Guerra de Troia, contada por Homero na Iliada. Assim se cumpriram os fados, que davam Páris, antes de nascer, como causador da ruína da pátria.»

Êste assunto cuja beleza, de facto, é surpreendente e que o artista tão maravilhosamente soube interpretar na sua tela é extraído da Mitologia Grega.



O julgamento de Páris — concurso, para professor de pintura da Escola de Belas Artes do Pôrto



A tiragem da cortiça

## Ao meu irmão Zé

Mas afinal esta obra do artista, já consagrado pela crítica nacional, não é a primeira que o afirma um pintor com faculdades inumeráveis, mórmente que nos diga que êle é só artista para o seu muito conhecido estilo um pouco modernista, onde aliaz, tem demonstrado a superioridade, não viciada, da sua escola. É que êste género que, repito, em Dordio Gomes nunca o vi viciado nem tampouco exagerado, tem ainda, mesmo no campo dos verdadeiros conhecedores de arte, muito a quem desagrada.

Compreendamos porém que, para bem retratar as côres e a rude grandesa dos fortes motivos da nossa província só um espirito destes serviria. E isso é que já fez de Dordio o artista que até hoje melhor

compreendeu e transportou para a tela o Alentejo em alguns dos seus trabalhos mais conhecidos. O que seria do primoroso quadro «A Montanheira», da coleção da Câmara de Arraiolos, se não fosse esta escola? O que seria a magnífica tela «Sobreiros Seculares», arrecadada no Museu Regional de Evora e ainda não exposta, sem êste génio?

Contudo em nenhum destes seus trabalhos faltou à verdade, porque impressionam e já o disse ha muito o mestre Teixeira Lopes: «Só a verdade pode impressionar».

Em abono do valôr do quadro de que especialmente venho tratando e de tóda a prova do concurso, como uma das mais honestas e superiores críticas, existe o facto, não freqüente na história do ensino da Arte em Portugal, de o venerando mestre da pintura nacional, Veloso Salgado, ao tempo do concurso ainda regendo a sua cadeira na Escola de Lisboa, ter feito aos seus discípulos uma honrosa alusão ao facto de, um antigo aluno daquela escola conseguir dentro de uma justiça incontestável o primeiro lugar num concurso da congénere do Porto, entre portuenses, alguns dos quais já com o nome também consagrado.

E não esqueçamos, nós alentejanos, o tamanho do bairrismo portuense.

O artista, mestre Dordio Gomes, não é muito conhecido em tóda a sua obra. Conhecem-se os trabalhos principais, cujo assunto mais possa prender o interêsse geral e isso pode porventura ter contribuído bastante para que, para muitos, êste quadro de agora seja uma surpresa.

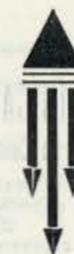
Seria interessante que, em qualquer exposição do artista, a realizar, fôsem reunidos os retratos do Dr. Celestino David e de D. Inácia Barahona, êste, numa tela notável e sem dúvida pouco conhecida; retrato de D. Maria Angélica de Carvalho, prima do pintor, quando, pode dizer-se, ainda muito menina e muito moça, agradável e gracioso.

Recentemente fez Dordio o retrato do lavrador João Perdigão. Ainda o não vi mas dizem-me ser uma feliz tela.

Mostrem-se êstes trabalhos e certamente outros que eu desconheço e o artista ficará para muitos mais conhecido.

Portalegre, Dezembro de 1934.

CANDIDO  
LIBERATO



A tiragem da cortiça



Candido Liberato

# A Exposição Agrícola

## Falam os práticos

(Continuação da pág. 2)

Continuação da 1.ª página

E' êle que ha-de resolver as difficuldades, que temos no abastecimento de carnes, de que temos carência e a exposição agrícola servirá para o orientar sobre a maneira como ha-de fazer para o realisar.

Será ella com certeza um elemento de estudo e servirá para orientar as entidades officiaes sobre a campanha a fazer para desenvolver a criação de gados, de maneira a baratear a carne de forma a permitir introduzi-la na alimentação das classes menos abastadas.

Quanto aos vinhos de meza e às célebres marcas de Colares, de Carcavelos e de Setúbal, aos excellentes azeites de Abrantes, Borba, Castelo Branco, Castelo de Vide, Elvas, Moura, Santarem, Serpa, Souzel e Vila Viçosa que constituem a grande massa da produção agrícola do país, aos fructos dos pomares algarvios, às ameixas e azeitonas de Elvas, aos laranjeiros de Setúbal, terão naturalmente direito de voto. E de propósito deixámos para último lugar as cortiças que nos dá o primeiro lugar no mapa mundial.

Em vista do que, se dividirmos o país por uma linha seguindo o curso do Tejo verificaremos que Evora é por assim dizer o centro das grandes produções attribuidas ao Sul dessa linha, o que aliado às condições exceptionaes, que esta linda cidade tem para que nela se realice uma Exposição Nacional Agrícola, tudo justifica que ella ali seja.

E' esta a opinião unânime de Evora. Foi isso que nos disse o Presidente da União Nacional Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Camarate de Campos. Foi isso que nos disse o Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal, Ex.<sup>mo</sup> Sr. Alves Martins.

Sua Ex.<sup>a</sup> não é alentejano, mes é alentejanista.

Foi isso que nos disse o Presidente da Junta Geral do Districto o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Francisco Fonseca.

Foi isso que nos disse o Administrador Delegado da Comissão de Iniciativa e Turismo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Barreto, também Presidente da Associação Commercial de Evora.

O mesmo nos disse o Presidente do Sindicato Agrícola de Evora o Ex.<sup>mo</sup> Sr. José Sebastião de Tôrres Vaz Freire.

O Director dos Serviços Agrónomos Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Santos Garcia.

O Director do Banco de Evora e da C.<sup>a</sup> de Seguros Pátria Ex.<sup>mo</sup> Sr. José Celestino.

Os grandes lavradores Ex.<sup>mos</sup> Srs. Manoel Dias Descalço, João Barreiros Tôrres de Vaz Freire, Manoel Grave, Júlio Potes e todos quantos foram ouvidos.

E ainda, o Presidente do Sindicato do Sindicato Agrícola da União Nacional em Montemor-o-Novo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Alfredo Augusto Cunhal.

Com effeito Evora pela sua situação geográfica nas estradas internacionaes, quer ordinárias quer férreas, com uma rede de camionagem já importantíssima, a poucos quilómetros da fronteira espanhola e poucas horas da Capital, facilitará a nacionaes e estrangeiros a visita a uma Exposição Nacional.

Evora, cidade museu e de turismo, teria uma occasião excellentissima para se afirmar e provocar uma corrente turística.

Evora, devido aos seus palácios monumentaes, quasi um em cada rua, presta-se a alojar todos os forasteiros que queiram ir à exposição.

Os seus monumentos precisam ser admirados assim como o recheio dos seus palácios particulares, que ficarão bem numa exposição de arte, que poderá funcionar como uma secção da Exposição e estamos certos, Beja, Portalegre e outras terras alentejanas não se recusarão a expôr também ali as suas preciosidades e os seus quadros.

O país muito terá a lucrar com a descoberta do Alentejo pelo forasteiro e uma das grandes vantagens da corrente turística será acabar com a lenda da charneca das mósas, etc. com que o Alentejo é alcunhado, opondo-lhe pela demonstração, *in loco*, das suas belezas naturaes e monumentaes de Evora, a Redondo e Estremoz — Castelo de Vide e a Serra de Portalegre — o caminho de Evora a Beja por Portel, os encantos da serra de Serpa e dos campos de Moura, o tapete gigantesco qual camaleão passando por todos os cambiantes do verde, das campinas no inverno e primavera, de Beja até ao amarelo de ouro resplandecente nos dias de sol de verão, antes e depois das ceifas cujo colorido indistinctivo não sei dizer.

Depois é justo que tendo a provincia ido à capital pagar a sua contribuição à industria em geral e tendo ido em romaria ao Porto visitar as embaixadas que do nosso Império Colonial vieram fazer ali estadia e mostrar-nos o que lhe temos feito, que a Capital e a nossa 2.<sup>a</sup> cidade, venham à provincia rústica retribuir a visita que duplamente as provincias lhe fizeram.

Finalmente não devemos deixar de dizer que uma exposição agrícola e pecuária, não é uma exposição de máquinas ou de productos coloniais.

Estas sub-divisões da industria não ficariam bem expostas em qualquer parte. Elas só poderão exhibir-se onde tenham ambiente propicio que lhe não ofusque a cor, onde tenham um quadro favoravel que se case com a sua natureza.

Uma parada agricola nos Campos Eliseos ou na Avenida da Liberdade perderia 50 por cento ou mais da sua cor — não teria ambiente propicio e seria ridícula até.

Na cidade monumental de Evora onde já se têm realiado resultam um espectáculo de máximo interesse.

Ainda há o aspecto historico que milita a favor de Evora e que se liga muito bem com o ressurgimento nacional do momento que passa e que será de atender, mas deixamos para outro numero essa razão e limitar-nos-emos atendendo a estas pretendendo explicar e justificar porque os alentejanos e «Vida Alentejana» traduzindo o seu pensamento desejariam ver uma Exposição Nacional Agrícola e Pecuária em Evora.

HENRIQUE VASQUES

## CLINICA MEDICA DENTARIA

Calçada do Carmo, 25, s/1-D. — Telefone 2 7146

Todo e qualquer trabalho de cirurgia da especialidade — Clinica medica 20% de desconto aos assinantes da VIDA ALENTEJANA e socios do Gremio Alentejano, sobre a tabela afixada no Consultório

tem com os seus clientes e ainda para atender ao grave problema do desemprego dando preferencia ao trabalho nacional.

Sobre o preço do pão diz:

— Deve baixar para o que basta baixar um pouco o preço do trigo, o lucro da moagem e a taxa da panificação.

Quanto a esta, entende que a baixa não deve ser igual na provincia à que se der em Lisboa, porque desde a lenha ao salario, transportes, etc., tudo custa mais caro na Capital do que na Provincia.

Em todo o caso o preço do pão não deve baixar exclusivamente á custa do productor de trigo porque este precisa ter um rendimento nos anos de boa colheita, que equilibre as despesas que faz nos anos maus. Para que seja possivel á lavoura arriscar as somas enormes que custam os adubos e a preparação das terras é preciso que ella tenha uma compensação que a incite a semear, visto que tudo depende do tempo e elle assim como dá a abndancia pode dar a miseria.

Preguntado sobre a farinha em rama, o sr. Vaz Freire diz:

A farinha em rama é indispensavel. Nenhuma casa agricola pode passar sem ella, pois a base da alimentação dos trabalhadores rurais é a sopa, as migas e a açôrda, que só satisfaz feita com o pão alentejano.

Ainda pedimos a opinião dos srs. Descalço e João Torres sobre a realisação duma Exposição Nacional Agrícola a qual damos noutro local.

E aqui teem os nossos leitores mais dois depoimentos sensacionais sobre os problemas que mais lhes interessam.

(Do nosso enviado especial)

## Federação Nacional de Produtores de Trigo

Durante a ultima semana, a Federação Nacional dos Produtores de Trigo adquiriu e pagou a 3224 pequenos produtores 6.099.582 quilos de trigo no valor de 7.429.555\$45. Em regimen de varrantagem effectuaram-se 22 descontos sobre 1.583.516 quilos de trigo no valor de escudos 1.583.516\$00. Desde o inicio da presente campanha — 30 de Julho de 1934 — adquiriram-se 199.214.986 quilos de trigo a 90 319 pequenos produtores, pagando por esta aquisição 288.513\$515\$90. Em regime de varrantagem effectuaram-se 2.182 descontos sobre 143.753.691 quilos de trigo, no valor de 143.753.691\$00.

# Uma explicação

# Veiros-Alentejo

No n.º 1 da *Vida Alentejana*, publicámos o nosso programa cujo terceiro capítulo reza assim:

*3.º Defender os lavradores das garras dos especuladores trazendo-os sempre ao corrente dos preços dos productos que têm para vender.*

Ora esta afirmação feita desassombadamente, tem servido a muita gente para nos pretender intrigar com velhos amigos nossos que até à publicação do decreto que criou a A. N. P. T. negociavam com êsse cereal.

Portanto devemos uma explicação a êsses nossos amigos, principalmente àqueles que são bem intencionados porque os outros, não nos interessam.

Nós, o ano passado, assistimos à importante feira da Flôr da Rosa, no Crato.

Conversávamos com um amigo, lavrador no concelho de Arronches quando fomos abordados por um indivíduo, comprador de lãs e residente para os lados da Covilhã.

Preguntou êsse indivíduo ao amigo com quem conversávamos se tinha lã para vender, e como a resposta fôsse afirmativa êle ofereceu logo 75\$00 a arrôba.

Que não, respondeu o nosso amigo, e palavra puxa palavra estabeleceu-se discussão. Tudo isto é natural, mas o que não é muito natural foi o facto de se juntarem vários indivíduos, que se metiam na discussão, dando sempre razão ao comprador. Era um câmbio de lãs. Resumindo: a cantiga tôda levou êsse nosso amigo a vender a sua lã a 78\$00. Passada meia hora soube que o seu valor, porque era o preço corrente, era a 90 escudos, ou seja mais de 3 contos que aquele nosso amigo deixou de receber. E' contra esses que assestamos as nossas baterias.

Os comissários de cereais, pagam as suas décimas, fazem os seus negócios com tôda a lisura, e quantas e quantas vezes é êle ainda que salva os pequenos productores, adiantando-lhes dinheiro que muitas vezes não chega a receber porque a sementeira não deu sequer para pagar a semente.

Esses não são para nós, considerados especuladores, nem tão pouco intermediários visto terem sido grandes cooperadores da Lavoura Nacional.

Acabou o citado decreto com a interferência na aquisição de trigo. Pergunta-se: o que ganhou a agricultura, o que ganhou o consumidor

com o prejuizo dessa classe? Barateou o pão? Este passou a ser de melhor qualidade? Não teve uma grande parte da Lavoura que recorrer, para poder satisfazer os seus compromissos, às mãos de agiotas sem escrúpulos?

Sim! O intermediário é sempre nefasto quando êle contribui para o prejuizo de outrem, principalmente ao consumidor ou próprio productor.

Mas os comissários de cereais não prejudicaram nem uma nem outra entidade. O consumidor, apesar do ano mais abundante, continua a comer o pão caro e de pior qualidade; o produtor, na sua maioria tem que se lançar nos braços da agiotagem que lhes levam de juro couro e cabelo.

Repetimos: Não consideramos a classe de comissários de cereais, como uma classe de especuladores, mas sim de excelentes cooperadores do desenvolvimento da Lavoura Nacional. Conseqüentemente, o que dissemos no noôso primeiro número, e que repetiremos sempre, não se refere a essa classe que é tão digna da nossa estima como todas as outras que vivem perante o respeito de toda a gente.

## Vida Alentejana

### RECOMENDA

#### Adubos

Reis  
Sapéc

#### Crivos

Marot

#### Farinhas alimentares

Nescao  
Nestlé  
Nestogeno  
Toddy

#### Fibrocimento

Luzalite

#### Instalações eléctricas

A. E. G.

#### Óleos

Veedol  
Veroil

#### Productos

Bayer

No louvável intuito de defender e patrocinar todas as causas justas e legítimas que interessam e beneficiam o Alentejo, occupou se «*Vida Alentejana*» no seu numero 9, do magno e importante problema de combater e extinguir a terrível tuberculose, que infelizmente, tão grande incremento e assustador desenvolvimento está tendo na nossa provincia.

A propósito, ocorre-nos e achamos oportuno relatar, que, também nesta modesta localidade alentejana, o temível flagelo está tomando proporções alarmantes; sendo apavorante o numero de vítimas que anualmente succumbem aos nefastos efeitos da maldita doença, atacando de preferênciã, pessoas novas.

Sobre as causas e origem da propagação de tão contagioso e fatalissimo mal, divergem várias opiniões; e referente ao ataque e extinção do mesmo, já nós, por numerosas vezes, nos temos occupado por intermédio dos jornais de que somos agregado correspondente. (*O Seculo. O Eco de Estremoz e Brados do Alentejo*).

Como *Vida Alentejana* tem maior circulação, e dispõe de gran le prestigio e influencia no destino de todas as terras alentejanas, para as suas generosas colunas endereçamos mais este apêlo, com o fim de pedir providencias a quem de direito, para atenuar a referida calamidade.

Também *Vida Alentejana* tem tratado, com critério e nobres intenções, da momentosa e palpitante questão dos trigos, farinhas e pão; já ouvindo autorizadas opiniões de técnicos e diversos elementos interessados da lavoura, já apresentando sensatos alvitre para a solução de tão intrincado problema, que interessa e todo o povo português e por isso usamos também levantar a nossa insoável voz, fazendo côro com os justificados clamores que se repercutem por todo o Alentejo, contra o inexplicável facto de em pleno celeiro de Portugal e num ano abundantissimo de colheita de trigo como foi o que está prestes a fi dar, o nosso pão, (*principal alimento do Alentejo*), ter subido de preço!...

—Também aproveitamos o ensejo, para, em nome do humilde e obscuro povo alentejano, (massa anónima, ignorada e desconhecida, que pouco lê e medita, mas que trabalha e produz e tem entranhado amor ao rincão em que nasceu e em que emprega o seu labor e actividade,—e a que nos honramos de pertencer!) felicitarmos entusiástica e calorosamente o sr. P. Muralha, pela sua louvável e altruista attitude de alvitrar a fundação e criação de um Museu e Exposição Agrícolas Alentejanas, com a mira de, única e exclusivamente, valorisar o Alentejo.

Também com o mesmo intuito, e interpretando o sentir geral da grande e laboriosa familia alentejana, felicitamos jubilosamente o illustre Director de V. A., pelo desassombroso artigo: «Não pode ser!...», publicado no último numero da simpática revista regionalista, o qual contém um veemente protesto contra a anunciada E. N. P. a realizar no Porto, que constituiu um verdadeiro e acertado estímulo para os alentejanos!

Fazemos ardentes votos por que o projectado numero especial pelo Ano Bom seja coroado de pleno êxito.

Manuel Joaquim Almada



## Cotação maxima dos produtos agricolas

Designação	Beja mercado 5 de Nov.	Evora Mercado 11	Portalegre Mercado	Eivas	Alpalhão Mercado 2 de dezembro	Estremós mercado de 30 de Nov.	Bolsa de mercadorias
Aveia, 20 litros	6\$50	7\$00	8\$00	7\$00	6\$00	7\$00	Na Bolsa de Mercadorias e na sessão do dia 4 efectuou-se a seguinte transação. Azeite extra 670\$00 os 100 quilos, sob vagou em Souzel. Na sessão do dia 29 houve oferta dos seguintes produtos: Avcia: \$850 — Cevada: \$95 e fava ratinha 1\$15.
Centeio, 20 litros	—	k. \$80	12\$00	—	9\$50	—	
Cevada, " " "	7\$50	9\$00	10\$00	13\$50	—	9\$50	
Fava, 20 litros	13\$00	14\$00	14\$00	13\$00	12\$00	14\$00	
Grão de bico, 20 litros	2\$250	25\$00	28\$00	22\$00	18\$00	22\$00	
Lã branca, 15 kilos	—	130\$00	—	130\$00	—	145\$00	
Lã preta, " " "	—	100\$00	—	100\$00	—	120\$00	
Queijos cabra, kilo	12\$00	cent. 80\$00	9\$00	12\$00	—	12\$00	
Queijos ovelha, kilo	12\$00	" 70\$00	13\$00	12\$00	—	12\$00	
Azeite, 10 litros	(litro) 5\$50	60\$00	60\$00	60\$00	65\$00	60\$50	
Cortiça, 15 quilos	—	—	8\$00	—	—	—	
Vinho branco, 500 litros	500\$00	375\$00	500\$00	—	—	—	
Vinho tinto, " " "	500\$00	375\$00	500\$00	—	—	—	
Carvão, 15 quilos	—	5\$50	7\$00	5\$00	—	5\$00	

## Cotação maxima de gados

Designação	Beja Mercado 6-X	Evora	Eivas	Estremós mercado de 30 de Nov.	Portalegre	Alpalhão Mercado 2
Cavalo de sela	3.000\$00	2.000\$00	2.500\$00	3.000\$00	4.500\$00	—
Parelha de cavalos	5.000\$00	4.000\$00	5.000\$00	6.000\$00	6.000\$00	—
Jumento	500\$00	400\$00	300\$00	4.000\$00	300\$00	—
Parelha de muares	8.000\$00	8.000\$00	8.000\$00	7.000\$00	9.000\$00	—
Junta de bois	4.000\$00	4.000\$00	5.000\$00	5.000\$00	5.500\$00	—
" " vacas	3.000\$00	2.800\$00	3.000\$00	3.500\$00	3.000\$00	—
Vaca leiteira	2.000\$00	2.000\$00	1.500\$00	1.800\$00	2.000\$00	—
Novilhos	700\$00	—	2.000\$00	—	1.500\$00	—
Vitela de 6 meses	400\$00	400\$00	600\$00	600\$00	400\$00	—
Carneiros	100\$00	90\$00	90\$00	90\$00	120\$00	—
Ovelhas	100\$00	100\$00	70\$00	70\$00	100\$00	—
Borregos	20\$00	50\$00	30\$00	30\$00	40\$00	—
Cabra leiteira	110\$00	100\$00	120\$00	120\$00	90\$00	—
Cabrito	20\$00	25\$00	30\$00	30\$00	14\$00	—
Porco, em vivo	(Arroba) 80\$00	250\$00	(1 ano) 250\$00	360\$00	(Ar.) 100\$00	(Arroba) 85\$00
Bacoros	50\$00	30\$00	(2 ano) 140\$00	145\$00	30\$00	(8 mes.) 50\$00
Leitão de mês	12\$00	15\$00	15\$00	10\$00	20\$00	—

## Salários médios

Concelhos	Designação de trabalhos	SALÁRIOS				Observações
		Homens		Mulheres		
		A sêco	C/comida	A sêco	C/comida	
Evora	Trabalhos da época	8\$00	3\$50	3\$00	2\$50	
Portalegre	Sementeiras e hortas	7\$00	5\$00	3\$00	—	
Borba	Vindima	7\$00	—	3\$00	—	
S. Tiago do Cacem	Lavoura	8\$00	4\$00	—	—	
Beja	Sementeiras	7\$00	5\$00	—	—	
Eivas	Sementeiras	8\$00	3\$00	4\$00	2\$00	
Estremós	Sementeiras	—	3\$00	4\$00	—	
"	Apanha da azeitona	—	8\$00	—	4\$00	

## Carnes verdes e fumadas

Designação	Preços por quilograma							
	Beja	Redondo	Evora	Portalegre	Eivas	Lisboa	Estremoz	Alpalhão
Cabra	4\$00	—	—	5\$00	—	7\$00	5\$00	—
Cabrito	4\$00	—	—	4\$50	—	8\$00	5\$00	4\$00
Carneiro	5\$00	—	6\$00	4\$00	6\$00	7\$50	5\$00	—
Porco com osso	10\$00	6\$00	8\$00	6\$00	6\$00	9\$00	6\$00	6\$00
Porco sem osso	12\$00	12\$00	12\$00	—	12\$00	12\$00	12\$00	—
Vaca com osso	5\$20	—	6\$50	4\$00	4\$00	9\$00	5\$00	—
Vaca sem osso	10\$20	—	12\$00	8\$00	8\$00	—	10\$00	—
Chouriço	16\$00	18\$00	16\$00	13\$00	14\$00	—	14\$00	114\$00
Farinheira	—	—	8\$00	7\$00	10\$00	—	10\$00	6\$00
Morcela	—	14\$00	10\$40	7\$00	10\$00	14\$00	10\$00	8\$00
Paio	18\$00	20\$00	24\$00	—	16\$00	8\$00	18\$00	17\$00
Presunto	15\$00	—	—	18\$00	18\$00	8\$00	22\$00	—
Toucinho	7\$00	10\$00	7\$20	7\$00	9\$00	24\$ 0	8\$ 0	6\$00
Banha de porco	8\$00	8\$00	8\$00	6\$50	9\$00	12\$00	9\$00	—

